

La Comédiathèque

Crise e Castigo

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Crise e castigo

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um ator desempregado é contratado por um banco à beira da falência e descobre que foi escolhido para fazer de bode expiatório. Mas o pesadelo está apenas a começar...

Personagens

Jerónimo: o ator

Claude: a gerente (ou o gerente)

Dominique: a assistente (ou o assistente)

Maria: a empregada de limpeza

Marina: a mulher do ator

Bernarda: a primeira cliente

Madalena: a segunda cliente

Os papéis de Marina, Maria, Bernarda e/ou Madalena podem ser interpretados pela mesma atriz ou por atrizes diferentes.

© La Comédiathèque

Um gabinete sóbrio, mas imponente: uma grande secretária onde apenas se encontra um telefone que também funciona como intercomunicador, com dois indicadores luminosos, um verde e outro vermelho; uma cadeira de direção estofada, giratória e com rodas; uma pequena mesa com uma espécie de garrafa térmica de alumínio, por baixo do retrato emoldurado de um homem. Maria está a varrer. Entra Claude, de fato de três peças ou de saia e casaco, conforme a personagem seja interpretada por um homem ou por uma mulher.

Claude – Ah, Maria... Era precisamente consigo que eu queria falar...

Maria deixa de varrer.

Maria – Sim, senhora?

Claude – Há quantos anos anda a varrer para nós, Maria?

Maria – Não sei, senhora. Nunca os contei. Não está satisfeita com o meu trabalho?

Claude – Estou, estou, Maria, pelo contrário. Até queria dar-lhe os parabéns. Conhece o lema do nosso banco?

Maria – Cada um deve varrer à sua porta?

Claude – Muito bem, Maria, exatamente! Graças a si, a entrada do Crédito Solidário está sempre impecável. E a entrada de um banco é a sua montra, não acha? Se a fachada de um banco não estiver irrepreensível, os clientes podem pensar que...

Maria – Os banqueiros também não têm as mãos muito limpas...

Claude – É isso mesmo! Percebeu perfeitamente, Maria.

Maria – Posso continuar a trabalhar, senhora?

Claude – Ainda não, Maria...

Maria – Está bem...

Claude limpa a garganta.

Claude – Como sabe, minha querida Maria... Minha muito querida Maria... Diria até minha demasiado querida Maria... Estamos em crise.

Maria – Ah, sim, senhora?

Claude – A crise, Maria! Mesmo que não leia todos os dias a imprensa económica, já deve ter ouvido falar dela, não? Mas que distração a minha! A senhora é espanhola, não é, Maria?

Maria – Portuguesa, senhora...

Claude – Ainda melhor! Quer dizer, ainda pior... Portugal também passou por uma grave crise da dívida. Não me diga que não sabe.

Maria – Não, senhora...

Claude – Enfim, estamos em recessão e o mundo financeiro, naturalmente, é o primeiro a sofrer com a desvalorização generalizada dos valores...

Maria – Dos valores...?

Claude – Refiro-me aos valores bolsistas, claro. Mas acredite, Maria, da depressão económica à depressão pura e simples vai apenas um passo. Quando a Bolsa cai, o ânimo também cai. E, quando a moral anda pelas ruas da amargura, uma crise de valores não tarda a aparecer.

Maria – Sim, senhora...

Claude – E a própria Maria, não andarás um pouco deprimida?

Maria – Vou andando, senhora. Não me queixo...

Claude – Desculpe, Maria, mas vê-la assim, de vassoura na mão... Não irradia propriamente alegria de viver!

Maria – Talvez esteja um bocado cansada, ultimamente... De tanto varrer à sua porta...

Claude – Tudo isto para lhe dizer, Maria, que o nosso banco também não escapou à tempestade... E que nós também temos de fazer poupanças. Compreende, não compreende?

Maria – Sim, senhora...

Claude – Para seu próprio bem, Maria, o Crédito Solidário foi obrigado a tomar medidas drásticas, embora dolorosas, para preservar o seu emprego. Um emprego cuja continuidade, posso agora dizer-lhe, esteve seriamente ameaçada.

Maria – Obrigada, senhora...

Claude – Tenho, portanto, o prazer de lhe anunciar, Maria, que não vai ser despedida.

Maria – Trabalho sem estar declarada, senhora.

Claude – Seja como for, poderá continuar a varrer à nossa porta até ordem em contrário. E quem sabe? Talvez um dia até a deixe varrer o gabinete do senhor diretor.

Maria – Obrigada, senhora...

Claude – Naturalmente, o Crédito Solidário também espera da sua parte um pequeno esforço para ajudar a preservar o emprego neste país. Porque sem emprego não há poder de compra, sem compras não há confiança e sem confiança não há emprego. É o círculo vicioso da estagflação. Está a acompanhar?

Maria – Estou a tentar, senhora...

Claude – Tudo isto lhe passa um pouco ao lado, evidentemente, minha pobre Maria, mas pode confiar em mim... Vou tentar ser mais clara... Em troca da preservação do seu emprego, o Crédito Solidário propõe-lhe uma redução salarial de trinta por cento. Imagino que lhe pareça razoável, não é?

Maria – Trinta por cento?

Claude – Um terçozinho, se preferir.

Maria – Um terço a menos?

Claude – Claro, não havia de ser a mais! Nos tempos que correm, nem os empregos na limpeza abundam, Maria. Em breve, para varrer num banco, mesmo sem contrato, será preciso ter um curso superior. E talvez uma boa cunha e aceitar subir na vida pela cama... Tem o secundário completo, Maria?

Maria – Não, senhora...

Claude – Imagino que também não tenha conhecimentos nas altas esferas...

Maria – Não, senhora...

Claude – E quanto a subir na vida pela cama, minha querida Maria, sem querer ofendê-la, também não me parece que tenha todos os trunfos do seu lado... É a vida... Uma grande lotaria... Nem o Crédito Solidário pode mudar isso... Há quem nasça na Suíça, com um apelido quilométrico e um físico privilegiado, e há quem... Enfim, há de reconhecer que a nossa proposta é mais do que generosa... Que acha?

Maria – Que acho, senhora?

Claude – Sim, Maria... Não é indispensável que tenha uma opinião, mas vou ouvi-la na mesma. Afinal, ainda vivemos numa democracia...

Maria parece refletir.

Maria – O que eu acho...

Claude – Alguma coisa há de achar...

Maria – Pois acho, sim, senhora... (*Ergue a vassoura para lhe bater.*) É isto que eu acho, senhora!

Claude – Maria! Enlouqueceu?

Maria persegue Claude com a vassoura até saírem de cena.

Claude – Mas acalme-se, Maria! Era só uma proposta! Nós também acreditamos no diálogo social...

Ouvem-se os gritos de Claude nos bastidores.

Claude – Ai... Ai...! Vinte por cento?

Maria – Quer voltar a provar da minha vassoura?

Claude – Dez por cento?

Maria – Dez por cento de aumento?

Claude – Bem, é que...

Regressam ao palco. Maria mantém Claude à distância com a vassoura, pronta a bater-lhe de novo.

Claude – Muito bem, Maria... Há que saber concluir uma negociação, e percebi que a sua proposta não é negociável... Combinado... O Crédito Solidário aumenta-lhe o ordenado em dez por cento...

Maria – Muito bem, senhora.

Claude – Mas diga-me, Maria, é uma negociadora de mão cheia... Nós também sabemos apreciar as qualidades dos nossos empregados... E caráter não lhe falta...

Maria – Obrigada, senhora...

Claude – Gostaria de fazer uma pequena formação, inteiramente paga pela empresa, para integrar o nosso departamento de recuperação de créditos? Como já lhe disse, estamos em crise e há cada vez mais maus pagadores...

Maria – Mais uma vassourada, senhora?

Claude afasta-se prudentemente.

Claude – Esqueçamos o assunto, Maria. Deixo-a trabalhar...

Maria – Obrigada, senhora.

Claude sai sob o olhar atento de Maria, que não a perde de vista.

Pode incluir-se um interlúdio musical, cantado ou coreografado. Por exemplo, inspirado no teatro de marionetas: Claude volta ao ataque de forma um tanto mecânica e Maria distribui vassouradas, como um fantoche a bater num polícia. Claude e Maria saem.

Escuro.

Entra Dominique, a assistente, caricatura de uma secretária afetada e prestável, com uma pasta na mão. Segue-a Jerónimo, visivelmente desconfortável num fato apertado e com uma gravata gasta, que supostamente lhe devem dar ar de executivo.

Dominique – Por aqui, faça favor... Este é o seu gabinete, caro senhor.

Jerónimo (*espantado*) – O meu gabinete? Tem a certeza?

Dominique – Sei que é um pouco austero. Mas, se quiser dar-lhe mais alegria pendurando uns quadros nas paredes...

Jerónimo – Porque não...?

Dominique – No entanto, desaconselho-lhe vasos com plantas ou flores.

Jerónimo – Ah, sim...

Dominique – Enfim, tudo o que alguém possa sentir vontade de lhe atirar à cabeça.

Jerónimo (*surpreendido*) – Claro...

Dominique – Evidentemente, também não convém deixar um abre-cartas em cima da secretária, nem sequer um agraphador.

Jerónimo – A minha mulher também detesta que eu deixe as minhas coisas espalhadas...

Dominique – Enfim, nada que possa servir de arma.

Jerónimo olha para ela, inquieto.

Dominique – Claude explicar-lhe-á.

Jerónimo – Claude...?

Dominique – A responsável pelo departamento. Foi ela que o contratou. Não está cá, mas não deve tardar...

Jerónimo – Muito bem... E qual é, exatamente, a vossa atividade...?

Dominique – Gestão de patrimónios.

Jerónimo – Pois...

Dominique – Digamos que ajudamos os ricos a ficarem ainda mais ricos.

Jerónimo – Nobre missão... E resulta?

Dominique – Nem sempre, infelizmente... É um pouco por isso que está cá, não é?

Jerónimo – Ah, sim? Na verdade, não sei muito bem. Mandaram-me do centro de emprego... Mas tem a certeza de que não se trata de um engano?

Dominique – Um engano? Que ideia! E por que haveria de ser?

Jerónimo – É que tenho a impressão de não corresponder propriamente ao...

Dominique – Não há engano nenhum, fique descansado, senhor Carpinteiro.

Jerónimo – Carpentier...

Dominique – Tenho aqui o seu processo e o seu perfil corresponde exatamente ao que Claude procura para ocupar este lugar...

Jerónimo – O meu perfil... Nem sabia que tinha um... Normalmente não desperta grande interesse nos potenciais empregadores...

A assistente abre a pasta e folheia o processo.

Dominique – Ora vejamos... É ator e está desempregado há cerca de dois anos...

Jerónimo – Quase três, na verdade...

Dominique – O psicólogo do centro de emprego descreve-o como apático, resignado, com tendência para se culpabilizar e desvalorizar...

Jerónimo – E é esse o perfil que procuram para este lugar?

Dominique prefere, visivelmente, não responder.

Dominique – Já lhe entrego os vales de refeição. Quer um café, senhor Carpinteiro?

Jerónimo – Obrigado, mas tenho sempre receio de depois não conseguir dormir... Quero dizer... dormir à noite.

Dominique – Muito bem. Se precisar de alguma coisa, estou no gabinete ao lado. Basta carregar no botão do intercomunicador.

Jerónimo – Ah, há um...? Como naqueles filmes antigos a preto e branco...

Mostra-lhe o botão do telefone.

Dominique – Este é a cores, como vê... O botão verde.

Jerónimo – Perfeito...

Dominique – No botão vermelho só deve carregar em caso de extrema urgência.

Jerónimo tenta brincar para aliviar o ambiente.

Jerónimo – Percebo... O sinal de alarme...

Dominique – Exatamente... Mas tenha cuidado: é como nos comboios de alta velocidade. Qualquer utilização abusiva será severamente castigada...

Jerónimo não sabe se Dominique está a brincar.

Dominique – Deixo-o instalar-se.

Jerónimo – Obrigado...

Dominique sai. Jerónimo observa o gabinete, sem saber bem o que fazer. Para diante do retrato do homem pendurado sobre a pequena mesa e contempla-o, perplexo. Depois repara no que julga ser uma garrafa térmica, pega nela e hesita.

Jerónimo – Se calhar era melhor beber um café, para despertar um bocado... (*Volta a olhar à sua volta.*) Não há chávena... (*Desenrosca a tampa.*) Talvez a tampa sirva de chávena... (*Deita na tampa o conteúdo da suposta garrafa térmica, mas saem cinzas.*) Merda! Mas o que é isto?

Dominique volta a entrar. Jerónimo tenta colocar a tampa à pressa, mas entorna as cinzas. Forma-se uma pequena nuvem que tenta dissipar com a mão. Dominique lança-lhe um olhar de reprovação. Ele parece uma criança apanhada em falta.

Jerónimo – Desculpe, eu... Mas que raio de coisa é esta? A lâmpada de Aladino? Pensei que ia sair daqui um génio para me conceder três desejos.

Dominique – Acredite, não há génio nenhum aí dentro. Mas aconselho-o a não lhe tocar... (*Com um olhar inquietante.*) Claude não ia gostar... (*Recuperando o sorriso profissional, entrega-lhe uns vales.*) Aqui tem os seus vales de refeição...

Jerónimo – Obrigado...

Dominique (*ao sair*) – Ah, a propósito, Claude telefonou. Vai chegar um pouco atrasada.

Jerónimo – Muito bem.

Dominique sai. Cada vez mais embaraçado, Jerónimo dá uma volta pelo gabinete e tenta sentar-se na cadeira. Surpreendido com a profundidade, endireita-se e adota uma postura mais digna. Apoia os cotovelos na secretária e tenta parecer um diretor. Levanta o auscultador do telefone para fazer figura. Tenta deslocá-lo, mas descobre que está fixo à mesa. Sem mais ideias, boceja e põe-se à vontade, com os pés sobre a secretária. Ao fim de algum tempo começa a dormir. O toque estridente do telefone acorda-o em sobressalto e ele cai da cadeira. Levanta-se e consegue atender.

Jerónimo – Sim...? Não, não... Sim, sim, passe-me a chamada, obrigado... Olá, querida... Sim, sim, está tudo bem, não te preocupes... *(Tentando brincar.)* Pelo menos ainda não me despediram... É verdade que ainda não vi a chefe do departamento... Na realidade, ainda nem comecei a trabalhar... O que tenho de fazer? Olha, nem me lembrei de perguntar... Suponho que Claude me explique... Sim, é assim que se chama a chefe... Não sei se é o nome ou o apelido... Está bem, telefone-te assim que souber mais alguma coisa... Sim, querida, não te zangues! Depois ligo-te. Beijinhos.

Desliga, hesita um instante e carrega no botão verde do intercomunicador.

Jerónimo – Dominique? Fala o Jerónimo... Sim, o Jerónimo que está no gabinete ao lado... Muito bem, desculpe, já percebi que não preciso de me apresentar quando uso o intercomunicador... Só queria perguntar se... Afinal, sempre bebia um café, se não fosse incómodo... Quantos açúcares? Bom... três, se não for abusar. Muito obrigado, Dominique...

Um segundo depois, Dominique entra com o café.

Jerónimo – Ena... Que rapidez! É mais eficiente do que o génio preso naquela garrafa térmica...

Dominique olha-o de lado antes de pousar o café na secretária, recuperando a expressão amável.

Dominique – Deseja mais alguma coisa?

Jerónimo – Não, obrigado, mais nada... *(Dominique prepara-se para sair.)* Bom, sim... *(Dominique volta-se.)* Posso fazer-lhe uma pergunta?

Dominique – Faça favor...

Jerónimo – Em que consiste exatamente o meu trabalho?

Dominique – O seu trabalho?

Jerónimo – O que é suposto eu fazer?

Dominique – Fazer?

Jerónimo – Não me vão pagar para não fazer nada, pois não? Não é que isso me escandalizasse muito, mas...

Dominique – Está aqui para prestar um serviço, senhor Carpinteiro.

Jerónimo – Que tipo de serviço?

Dominique – Digamos que pertence ao serviço pós-venda.

Jerónimo – Não sabia que num departamento de gestão de patrimónios...

Dominique – Claude explicar-lhe-á muito melhor do que eu.

Jerónimo – Está bem...

Dominique – Há mais alguma coisa que queira saber, senhor Carpinteiro?

Jerónimo – Ah, não... Quer dizer, sim... Quem é aquele senhor do quadro, por cima da garrafa térmica?

Dominique – A garrafa térmica?

Jerónimo – O da fotografia!

Dominique – Ah... Ele...

Jerónimo – É o empregado do mês?

Dominique – É o seu antecessor.

Jerónimo – E onde está agora?

Dominique – Na garrafa térmica.

Jerónimo – Como disse?

Dominique – É uma urna funerária.

Jerónimo – Ah, claro... Pois... E de que morreu o bom homem? Deve ter feito alguma coisa de extraordinário para lhe montarem este pequeno altar...

Dominique – Morreu no exercício das suas funções.

Jerónimo – Das suas funções?

Dominique – As mesmas que em breve serão as suas.

Jerónimo – O serviço pós-venda.

Dominique – Exatamente.

Jerónimo – Um acidente de trabalho?

Dominique – Podemos chamar-lhe isso. Mais alguma coisa?

Jerónimo (*atordado*) – Por agora, acho que não...

Dominique sai. Jerónimo coloca-se diante do retrato e olha-o de outra maneira, bastante inquieto. Depois pega na urna com muito cuidado.

Jerónimo – Portanto não eram borras de café...

O grande botão vermelho começa a piscar e soa um alarme. Jerónimo, em pânico, nem tem tempo de atender. Uma mulher com ar de executiva entra no gabinete como um furacão. O alarme para.

Claude – Então é o senhor.

Jerónimo – Sim, quer dizer... Eu?

Dá-lhe uma estalada mal entra.

Claude – Tome, para começar.

Jerónimo (*atónito*) – Bom dia, minha senhora...

Claude – Ou o senhor é um vigarista ou é um incapaz. Então?

Jerónimo – Então o quê?

Claude – É desonesto ou incompetente?

Jerónimo – Eu... Não sei... Tenho mesmo de escolher?

Claude – É tudo o que tem para me dizer?

Jerónimo – É que...

Claude – Quer outra?

Jerónimo – Ah, não... Se pudermos evitar...

Claude – Sabe quanto é que isto tudo me vai custar?

Jerónimo – Lamento imenso...

Claude – Lamenta imenso! Mas está a gozar comigo?

Jerónimo – Garanto-lhe que...

Claude – E agora vai dizer que a culpa não é sua.

Jerónimo – Não iria tão longe, mas...

Claude – Foi azar, não foi?

Jerónimo – É verdade que... Mas de que é que está a falar, exatamente?

Claude – Claro, faça-se de inocente...

Jerónimo – Peço desculpa.

Claude – E agora, o que fazemos?

Jerónimo – Não sei...

Claude – Tem alguma solução para me propor?

Jerónimo – Nenhuma...

Claude – O senhor é um pobre diabo.

Jerónimo – Sim, a minha mulher diz-me isso muitas vezes...

Claude – E, claro, isto tudo não lhe tira o sono, pois não?

Jerónimo – Posso oferecer-lhe um café?

Claude – Só faltava essa! Mas não vai conseguir amolecer-me.

Jerónimo – Garanto-lhe que não era minha intenção...

Claude – E não há de levar esta para o céu, acredite.

Jerónimo – Prometo...

Claude (*mudando de tom*) – Que expressão tão curiosa, não acha?

Jerónimo – Que expressão?

Claude – Isso de «não levar esta para o céu»... Quando se chega ao céu, que haveremos de querer levar connosco, se já estamos no céu?

Jerónimo – Pois... Suponho que lá tenham tudo o que é preciso...

Claude (*recompondo-se*) – Mas não tente mudar de assunto!

Jerónimo – Desculpe, eu...

Claude – O senhor é um cretino.

Jerónimo – É que... Acabei de começar e...

Claude – Quer dizer que acabou de começar a ser cretino?

Jerónimo – Sim, mais ou menos...

Claude – Pois prevejo-lhe uma carreira brilhante!

Jerónimo – Obrigado...

Claude – Havemos de nos voltar a ver, meu caro senhor... E mais cedo do que imagina...

Jerónimo – Será um prazer, minha cara senhora...

Claude – E ainda por cima está a fazer troça de mim!

Claude hesita, como se procurasse alguma coisa. Dirige-se ao retrato, tira-o da parede e parte-o na cabeça de Jerónimo. Sai furiosa. Jerónimo fica atónito, com a moldura à volta dos ombros. Dominique regressa, como se nada fosse, para recolher a chávena vazia.

Dominique – Está tudo bem, Jerónimo?

Jerónimo – Ah, sim, obrigado...

Dominique – Outra chávena de café?

Jerónimo – Obrigado, já chega...

Dominique olha para ele e repara na moldura pendurada nos ombros.

Dominique – Dá-me licença? (*Aproxima-se, tira-lhe a moldura e volta a pendurá-la no sítio.*) Não se preocupe, substituímos o quadro. Já estamos habituados.

Jerónimo – Habituados? Mas quem era aquela maluca?

Dominique – Ah, isso... Bem, foi... a sua primeira entrevista.

Jerónimo – A minha primeira entrevista?

Dominique – Claude explicar-lhe-á...

Jerónimo – Não, já chega! Claude não me vai explicar coisíssima nenhuma! Não vim para aqui para levar uma tarefa!

Dominique – Mas... veio, claro.

Jerónimo – Como?

Dominique – Foi para isso que o contrataram, senhor Carpinteiro. Tal como o seu antecessor.

Jerónimo – Para ser insultado e levar estaladas?

Dominique – São os riscos da profissão...

Jerónimo – Que profissão?

Dominique – Aquela pela qual vai receber um ordenado!

Jerónimo – E se eu não estiver de acordo?

Dominique – Não estará à espera de que lhe paguemos para não fazer nada, senhor Carpinteiro. Seja razoável... Recordo-lhe que não tem qualificação nenhuma. É ator...

Jerónimo – Muito bem, então demito-me... Não fico nem mais um minuto neste manicómio...

Dominique – Por favor, espere ao menos que Claude regresse. Ah, olhe, aí vem ela...

Entra Claude, que era também a cliente que acabara de esbofetear Jerónimo.

Jerónimo (*estupefacto*) – A senhora é Claude?

Claude (*extremamente amável*) – Muito prazer, meu caro senhor.

Dominique – Deixo-vos a sós...

Jerónimo – Não percebo nada... Isto é um pesadelo...

Claude – Desculpe-me esta pequena representação, mas tratava-se, na realidade, de um último teste em condições reais. Antes do seu batismo de fogo...

Jerónimo – O meu batismo de...?

Claude – Considere-o a última prova do processo de seleção. E passou com distinção, diga-se de passagem! Parabéns, senhor Carpinteiro!

Jerónimo – Obrigado, mas... Pode explicar-me, de uma vez por todas, em que consiste o meu trabalho? A sua assistente não quis dizer-me...

Claude – É muito simples. Vai perceber já. Sei que é uma pessoa inteligente, senhor Carpinteiro, embora tenha cara de idiota e nenhum diploma que prove o contrário.

Jerónimo – Frequentei umas aulas como ouvinte numa escola de teatro...

Claude – E, acredite, isso pode ajudá-lo muito nas suas novas funções... Como sabe, este departamento gere grandes fortunas.

Jerónimo – Sim...

Claude – Quer dizer, tratamos de fazer crescer as poupanças das nossas clientes endinheiradas, vendendo-lhes toda a espécie de produtos financeiros, uns melhores do que outros.

Jerónimo – Só clientes mulheres?

Claude – Ficaria surpreendido se soubesse quanto da riqueza deste país está nas mãos das viúvas. Já ouviu falar dos fundos de pensões?

Jerónimo – Vagamente...

Claude – São poupanças destinadas à reforma e, como as mulheres costumam viver mais anos, há muitas viúvas entre quem recebe essas pensões.

Jerónimo – Estou a ver...

Claude – Agora percebe porque damos especial atenção à nossa clientela feminina.

Jerónimo – Claro...

Claude – E, além disso, as mulheres têm para nós a enorme vantagem de não perceberem absolutamente nada dos investimentos que lhes propomos.

Jerónimo – Nem eu tenho a certeza de perceber...

Claude – Não se preocupe. Confesso que também não percebo grande coisa. Na verdade, há muito que ninguém percebe nada... Pelo menos desde que o meu marido morreu...

Jerónimo – É viúva?

Aponta para o retrato na parede.

Claude – Infelizmente... O meu querido marido deixou-nos há algum tempo...

Jerónimo – Ah, então aquele é o seu...?

Claude olha para o retrato e descobre os estragos.

Claude – Mas o que lhe aconteceu?

Jerónimo – Ia perguntar-lhe precisamente o mesmo...

Claude – Ah, sim, claro... Há pouco deixei-me levar... Sabe como são estas coisas... O senhor é ator... Quando uma pessoa entra a fundo na personagem... Enfim, a nossa cliente típica é uma viúva com as poupanças de toda uma vida, como dizemos na profissão.

Jerónimo – Muito bem...

Claude – Mas a Bolsa é como o casino: a longo prazo, a banca ganha sempre. O cliente não pode ganhar todas as vezes. E é isso que a nossa viúva poupada tem dificuldade em compreender. Está a seguir-me?

Jerónimo – Estou a tentar.

Claude – E, diga-se o que se disser, meu caro senhor, até para os ricos estamos em crise.

Jerónimo – Pois claro...

Claude – E quando os ricos ficam menos ricos, o banco deles também empobrece.

Jerónimo – É lógico.

Claude – Cá entre nós, estamos à beira da falência...

Jerónimo – Ah, sim?

Claude – Evidentemente, mais uma vez os contribuintes virão salvar-nos, por isso, para nós, também não é assim tão grave... Já passámos por outras, não é?

Jerónimo – Se a senhora o diz...

Claude – Mas a nossa viúva poupada não voltará a ver o dinheiro dela. Compreende-se que precise de descarregar os nervos.

Jerónimo – É natural.

Claude – Descontar a raiva em alguém concreto.

Jerónimo – Pois, pois...

Claude – E é aí que o senhor entra...

Jerónimo – Eu?

Claude – Pense em si como uma espécie de parceiro de treino para milionárias arruinadas que, de repente, sentem uma vontade irresistível de bater em alguém.

Jerónimo – Eu diria antes que sou um saco de pancada...

Claude – Vamos lá, Jerónimo! Um homem feito como o senhor! Afinal, são apenas mulheres indefesas!

Jerónimo – Não, a sério, acho que não sou a pessoa indicada...

Claude – Recordo-lhe que assinou um contrato, senhor Carpinteiro...

Jerónimo – E porque não recebe a senhora as clientes que arruinou?

Claude – Porque, como diretora desta agência, represento a continuidade da instituição financeira. Sou responsável por tudo, mas, tal como um ministro da Saúde ou um alto dignitário religioso, não posso ter culpa de nada sem comprometer gravemente a credibilidade de quem está acima de mim. Está em causa a sobrevivência desta empresa, senhor Carpinteiro. Que digo eu? Da sociedade inteira! Não se pode responsabilizar o Altíssimo por nada. Quem paga é quem está no último degrau. E o mais baixo que encontrámos na escala dos homínídeos, Jerónimo, mas a quem ainda se pode vestir um fato sem lhe alongar os braços, é o senhor! Um ator desempregado!

Jerónimo – E o seu marido?

Claude – O meu marido tinha uma bela cara de idiota, um pouco como a sua.

Jerónimo – Estou a ver...

Claude – Faça pelo menos o período experimental. Depois logo decide...

Jerónimo aponta para o retrato.

Jerónimo – Se ainda estiver vivo...

Claude – Pense no seu ordenado e na situação do emprego neste país... A crise também afeta os pobres, Jerónimo. Pense na sua mulher. Nos seus filhos.

Jerónimo – Não tenho filhos.

Claude – Então pense na sua mulher. Na cara que ela vai fazer quando chegar a casa esta noite e disser que, mais uma vez, foi despedido logo no primeiro dia...

Jerónimo – Não me está a deixar muitas alternativas...

Claude – Tenho a certeza de que nasceu para este lugar, senhor Carpinteiro. E acredite, já vi passar muitos candidatos. O senhor já bateu no fundo, Jerónimo. A partir daí, só pode subir. Já lhe disseram alguma vez que tem uma cara que pede estaladas?

Jerónimo – Sim, a minha mulher diz-me isso muitas vezes. Mas não tenho a certeza de que seja um elogio...

Entra Dominique.

Dominique – A visita do senhor já chegou... Mando-a esperar?

Claude – Vamos lá, experimente outra vez. Vai ver. Tenho a certeza de que acabará por gostar.

Jerónimo – Isto também não será um teste, pois não?

Dominique – Ah, não, acredite, desta vez é uma cliente a sério. E não parece nada satisfeita...

Claude – Boa sorte, Jerónimo... E lembre-se: a culpa é toda sua, mas não é responsável por nada...

Claude sai. Dominique aproxima-se da mesinha, roda a «garrafa térmica» para a pôr na posição correta, tira o retrato da parede e leva-o consigo. O botão vermelho volta a piscar e o alarme soa. Entra como um furacão Bernarda, uma mulher de aspeto muito distinto e abastado.

Bernarda – Que grande vigarice! Arruinaram-me!

Jerónimo – Sente-se, por favor...

Bernarda olha em volta, surpreendida.

Bernarda – Não há cadeira nenhuma!

Jerónimo – É verdade... Nem tinha reparado.

Bernarda – Se houvesse, partia-lha na cabeça!

Jerónimo – Talvez seja por isso que não há...

Bernarda – Já vai ver... *(Tira um revólver da mala e aponta-lho.)* Se acredita em Deus, está na altura de fazer a sua última oração.

Jerónimo *(com uma mão sobre o telefone)* – Parece-me que chegou a altura de carregar no botão vermelho...

Bernarda – Já não tem tanta graça, pois não?

Jerónimo – Cuidado, por amor de Deus... Essas armas podem disparar sozinhas...

Bernarda – Ótimo, é isso mesmo que vou dizer! Disparou sozinha, senhor juiz!

Jerónimo – Mas... o que é que quer de mim?

Bernarda – Quero que me devolva o meu dinheiro.

Jerónimo – Isso, infelizmente, não está nas minhas mãos, minha senhora. Garanto-lhe... A culpa é toda minha, mas não sou responsável por nada.

Bernarda – Muito bem, pois ficará também com a minha morte na consciência.

Aponta o revólver à própria têmpora. Jerónimo entra em pânico.

Jerónimo – Por favor, não faça isso... Afinal, é apenas dinheiro.

Bernarda – Três milhões de euros.

Jerónimo – Ah, bom, isso já é outra coisa...

Bernarda – Mal me resta dinheiro para viver!

Jerónimo – Quanto é que lhe resta?

Bernarda – Uns dez milhões.

Jerónimo – Ah, bom, isso já é outra coisa...

Bernarda – Hoje em dia, com dez milhões não se vai muito longe, sabe?

Jerónimo – Imagino...

Entra Claude. Bernarda, surpreendida, recua e volta a apontar o revólver à têmpora.

Bernarda – Nem mais um passo ou dou um tiro na cabeça!

Claude – Como responsável pelo departamento, minha senhora, quero antes de mais manifestar-lhe a nossa solidariedade.

Bernarda – Também financeira?

Claude – Mais propriamente psicológica. Diga-me, Beatriz... Posso tratá-la pelo nome próprio?

Bernarda – Se quiser, mas chamo-me Bernarda.

Claude – Acaba de perder três milhões de euros e, naturalmente, está em choque.

Bernarda – Pois estou...

Claude – Na realidade, está quase no mesmo estado de espírito de alguém que ganha o salário mínimo e acaba de ganhar a lotaria.

Bernarda – Está a gozar comigo!

Claude – Deixe-me acabar! No mesmo estado, mas ao contrário: tem de aceitar que já não é tão rica como antes.

Jerónimo – Mas ainda lhe restam dez milhões de euros...

Bernarda – A si ninguém lhe perguntou nada! Isto é tudo culpa da sua absoluta incompetência em matéria de investimentos! Atreva-se a negar!

Jerónimo – Eu... Não...

Bernarda – Está a ver? Até ele reconhece. É um idiota!

Claude – Era precisamente a isso que eu queria chegar, minha senhora. Estamos perfeitamente conscientes das limitações deste ser mole e viscoso que, infelizmente, abusou tanto da nossa confiança como da sua.

Bernarda – Um banana.

Claude – E, embora por razões legais bastante obscuras não o possamos despedir, garantimos que receberá um castigo exemplar.

Bernarda – Ah, sim? E como?

Claude – Para começar, estamos a considerar castigos corporais. Não acha que este sujeito tem uma cara que pede estaladas?

Bernarda – Acho...

Claude dá uma estalada a Jerónimo de surpresa.

Claude (a Bernarda) – Vá, faça o mesmo. Não se acanhe... Vai ver como descarrega os nervos...

Bernarda – Acha mesmo?

Claude – Confie em mim, minha senhora.

Bernarda também dá uma estalada a Jerónimo.

Claude – Então?

Bernarda – É verdade que sabe bem...

Jerónimo – A mim não sabe nada bem!

Claude – Até me pergunto se ele não estará possuído pelo demónio das finanças...

Claude empunha um crucifixo na direção de Jerónimo.

Claude – Espírito da especulação, sai imediatamente deste corpo! Costuma resultar, embora os efeitos nem sempre sejam imediatos...

Bernarda – E não devíamos queimá-lo, por via das dúvidas? Como antigamente faziam às bruxas...

Claude – Em todo o caso, a longo prazo, podemos considerar a incineração...

Toca o telemóvel de Bernarda, que atende.

Bernarda – Sim? Ah, sim, desculpe... Não, não, estarei aí dentro de meia hora... Obrigada, até já... (*Guarda o telemóvel.*) Desculpem, era o meu cabeleireiro. Tinha-me esquecido de que tinha marcação esta manhã. Estava tão perturbada...

Claude – E é perfeitamente compreensível...

Bernarda – Tenho de ir... Sabe o que custa arranjar marcação num cabeleireiro de jeito? E amanhã casa-se a minha filha. Que pena o meu marido não poder assistir.

Jerónimo – E porque não?

Bernarda – Porque está morto! (*A Jerónimo.*) Havemos de ajustar contas... (*A Claude.*) Obrigada, tinha razão, estou muito mais calma...

Claude – Estamos sempre à sua disposição, minha senhora.

A cliente sai.

Claude – Até nem correu assim tão mal, pois não? Para ser o seu batismo de fogo... Parabéns, safou-se muito bem.

Jerónimo (*esfregando a face*) – Acha?

Claude – Pelo menos safou-se... Quando vêm com tendências suicidas, é preciso canalizar os impulsos autodestrutivos e transformá-los numa agressividade positiva dirigida aos outros...

Jerónimo – E os outros sou eu...

Claude – Estou muito satisfeita consigo, Jerónimo. Se continuar assim, daqui a três meses terá contrato sem termo.

Jerónimo – Não sei... Mas não viu? Esteve quase a matar-me!

Claude – Mas não matou.

Jerónimo – E deu-me uma estalada! A senhora também!

Claude – Vou ser franca consigo, senhor Carpinteiro.

Jerónimo – Carpentier.

Claude – Com essa cara de derrotado e um currículo que parece a ementa de uma cantina social, a que é que aspira na vida?

Jerónimo – A muito pouco, já sei...

Claude – Imagino que nos empregos anteriores o tenham repreendido muitas vezes injustamente, não é?

Jerónimo – Os empregos anteriores que tive...

Claude – Com essa cara que pede estaladas, aposto que até na escola levou umas boas bofetadas dos professores, não foi?

Jerónimo – A escola...

Claude – Pois aqui, pelo menos, pagamos-lhe por isso. E, em segredo, gozará da maior consideração dos seus superiores.

Jerónimo – Estou a arriscar a pele!

Claude – Por isso mesmo será considerado um herói, Jerónimo! Que digo eu, quase uma divindade! Com esse ar de santinho, aposto que também foi acólito, estou enganada?

Jerónimo – Não...

Claude – Então lembre-se! «Eis o Cordeiro de Deus que toma sobre si os pecados do mundo!» Ao assumir todas as culpas do nosso banco, será o nosso Jesus Cristo, Jerónimo. Até têm as mesmas iniciais. É um sinal!

Jerónimo – As iniciais?

Claude – J. C.! Jerónimo Carpinteiro!

Jerónimo – Carpentier.

Claude – Bem, isso não altera as iniciais, pois não?

Jerónimo – Não...

Claude – Em verdade lhe digo, senhor Carpinteiro, que estava predestinado a ocupar este posto de bode expiatório. Bem-vindo à casa!

Claude sai. Jerónimo deixa-se cair na cadeira. Bernarda regressa com Claude. Ele levanta-se.

Bernarda – Só mais uma coisa...

Jerónimo – Diga, minha senhora...

Bernarda – O senhor é um verdadeiro banana.

Bernarda dá-lhe outra estalada.

Claude – Vá lá, Jerónimo, ofereça a outra face!

Jerónimo, como se estivesse em transe, obedece. Bernarda volta a esbofeteá-lo.

Bernarda – É verdade que sabe bem...

Claude – Está a ver? Também pode dar-lhe um pontapé no traseiro, se lhe apetecer.

Bernarda – A sério?

Claude – Jerónimo?

Jerónimo (*virando-se*) – Sim?

Bernarda aproveita para lhe dar um pontapé no traseiro.

Bernarda – Ah, sim, que alívio...

Claude – Adeus, minha senhora. Não a acompanho, sabe por onde se sai? Volte quando quiser. Está em sua casa!

Bernarda vai-se embora.

Claude – Já ganhou afeição por si...

Jerónimo – Acha que vai voltar muitas vezes?

Claude – Faz-me lembrar o meu marido, Jerónimo. Quem sabe, talvez acabe por casar consigo.

Jerónimo – Mas eu já sou casado...

Claude – Seja como for, parabéns. Estou muito satisfeita consigo. Já se tornou um verdadeiro capacho.

Jerónimo – Obrigado.

Claude – Vai ver, ainda lhe toma o gosto.

Jerónimo – Bem... As estaladas ainda vá, mas um tiro... Posso ser um capacho, mas não quero acabar furado como um passador!

Claude – Há inspetores do trabalho que levam tiros e, mesmo assim, não faltam candidatos... Estamos em crise, Jerónimo! Aqui, pelo menos, só usam armas pequenas. Pistolas que cabem numa mala de luxo...

Jerónimo – Nota-se que a senhora não está no meu lugar...

Claude – Que graça, Jerónimo... Claro que não, pago-lhe precisamente para estar no meu lugar! Olhe, simpatizo consigo, por isso vou fazer-lhe uma proposta: um prémio por cada duas estaladas e um suplemento por cada ferimento de bala. Que acha?

Jerónimo – Preferia um colete à prova de bala.

Claude – Vamos, senhor Carpinteiro... Os melhores equilibristas trabalham sem rede. É isso que dá grandeza à profissão. O senhor é um artista, Jerónimo!

Claude sai. O telefone toca.

Jerónimo – Ah, sim, querida, és tu... Tenho a voz estranha? Não, não, está tudo bem... Olha, isto é uma espécie de... É um bocado difícil de explicar... Acabei de atender a minha primeira cliente... Até correu bastante bem... Pelo menos segundo a minha chefe... Pois, sim, porque não? Acabaram de me dar os vales de refeição... Está bem, até logo... *(Desliga.)* Nem acredito que tenha dito que está tudo a correr bastante bem...

Dominique regressa, desta vez com uma bata branca de enfermagem. Traz um copo, que pousa na secretária.

Dominique – Então, Jerónimo, está tudo no sítio?

Jerónimo – Sim, acho que sim...

Dominique – De qualquer maneira, vou examiná-lo. Uma simples observação de rotina, não se preocupe. Levante-se, por favor.

Jerónimo levanta-se. Dominique examina-o superficialmente com alguns instrumentos médicos que traz ao pescoço ou nos bolsos da bata.

Dominique – Abra a boca e mostre a língua, por favor... Muito bem... Incline-se um pouco para a frente e diga «trinta e três milhões»... Perfeito... Parece-me que ainda está em condições de continuar ao serviço... Parabéns... *(Entrega-lhe um comprimido e o copo de água.)* Tome, engula isto, vai fazer-lhe bem...

Jerónimo – Não será veneno, pois não?

Dominique – Ora essa... Porque haveria eu de o envenenar?

Jerónimo engole o comprimido sem protestar.

Jerónimo (*apontando para a mesinha*) – E aquele, de que morreu?

Dominique – Aquele?

Jerónimo – O da garrafa térmica.

Dominique – O que o leva a pensar que há alguém fechado dentro daquela garrafa térmica?

Jerónimo – Foi isso que me disse há pouco!

Dominique – Eu disse-lhe que havia alguém fechado naquela garrafa térmica?

Jerónimo – Mas aquilo NÃO É uma garrafa térmica!

Dominique – Então porque diz que há alguém lá dentro?

Dominique pega no copo vazio, aproxima-se da garrafa térmica e, como por magia, enche-o de café perante o olhar atónito de Jerónimo.

Dominique – Um cafezinho para tirar o sabor do medicamento?

Jerónimo – Não, obrigado...

Dominique – Bem, então bebo-o eu. (*Bebe o café.*) Está a ver? Também não tem veneno... Embora já esteja um bocadinho frio...

Jerónimo fica petrificado e começa a duvidar da própria sanidade. Entra Marina, uma mulher de aspeto banal e pouco elegante. Marina pode ser interpretada pela mesma atriz que representa Bernarda.

Dominique – Ah, tem outra visita... (*À parte.*) E também não parece vir de bom humor...

Jerónimo – É a minha mulher.

Dominique – Muito bem, deixo-lha... Quer dizer, deixo-vos...

Dominique sai. Marina observa-a afastar-se, desconfiada.

Marina – Tens uma assistente só para ti?

Jerónimo – Incrível, não é?

Marina – E um gabinete só teu?

Jerónimo – Nada mau, pois não?

Marina – Estás a ver! Ainda bem que insisti para deixares o teatro e procurares finalmente um emprego a sério!

Jerónimo – Pois...

Marina – Então, como te está a correr?

Jerónimo – Olha... Na verdade, nem sei que te diga.

Marina – Não vão ficar contigo, pois não?

Jerónimo – Não, sou eu... Não tenho a certeza de querer ficar...

Marina – Não podes estar a falar a sério!

Jerónimo – Não vais acreditar, mas... Aqui sou constantemente maltratado.

Marina – Maltratado? E achas que eu não sou? O meu chefe também me maltrata.

Jerónimo – A sério?

Marina – Os meus colegas maltratam-me. Os clientes também. Toda a gente me maltrata! Mas temos de ganhar a vida!

Jerónimo – Pois, mas quando digo que me maltratam, quero dizer... fisicamente, percebes?

Marina – Fisicamente?

Jerónimo – Dão-me estaladas!

Marina – Ah, sim...

Jerónimo – Pontapés no traseiro!

Marina – E foi essa a melhor desculpa que arranjaste?

Jerónimo – Desculpa para quê?

Marina – Para te baldares outra vez!

Jerónimo – Mas não!

Marina – Estou a avisar-te, Jerónimo, é a tua última oportunidade. Se não fores capaz de conservar este emprego, desta vez deixo-te.

Jerónimo – Não te ponhas assim, querida, estava só a falar... Foi uma maneira de dizer... Claro que sim, vou ficar com o emprego...

Marina – Muito bem... Prometes?

Jerónimo – Pela cabeça de... Olha, pela do meu antecessor...

Marina – Bem, tenho de ir... Estou cheia de pressa...

Jerónimo – Não almoças comigo? Já te disse que tenho vales de refeição!

Marina – Desculpa, fica para outro dia. Esqueci-me de que combinei almoçar com a minha mãe.

Jerónimo – Ah, sim?

Marina – Hoje é segunda-feira, Jerónimo... Almoço com a minha mãe todas as segundas...

Jerónimo – Claro... Desculpa, tinha-me esquecido...

Marina – Pronto, força...

Jerónimo – Para ti também...

Marina prepara-se para sair, mas volta-se.

Marina – Ah, a propósito... Dás-me os teus vales de refeição? Afinal, tu não os vais usar...

Jerónimo – Claro, querida, toma.

Jerónimo entrega-lhe o bloco de vales.

Marina – Obrigada. Pronto, vou-me embora. Até logo à noite?

Jerónimo – Sim.

Marina – E bom proveito, de qualquer maneira.

Dominique regressa com um monte de cartas.

Dominique – Não deve ser fácil lidar com a senhora Carpentier...

Jerónimo – É preciso saber levá-la...

Dominique – Tome, chegou o seu correio.

Pousa as cartas na secretária.

Jerónimo – Também recebo correspondência?

Dominique – Claro que sim!

Jerónimo espreita os envelopes.

Jerónimo – Mas o que é isto?

Dominique – Sobretudo cartas com insultos. Ameaças também, claro... De vez em quando um envelope armadilhado, mas é raro. E não é obrigado a abri-los, sabe? Quer que os leve já?

Jerónimo – Sim, muito obrigado...

Dominique – Muito bem, senhor Carpinteiro... Se me permite, abro um ou dois antes de os mandar para a nossa equipa de desativação de engenhos explosivos. Às vezes são divertidíssimos. Sei que não devia, mas nunca resisto à tentação de ler alguns...

Dominique recolhe as cartas e sai. Jerónimo deixa-se cair na cadeira e tenta descontrair-se um pouco. Ouve-se uma explosão.

Jerónimo – A curiosidade matou o gato...

Mas Jerónimo mal tem tempo de suspirar. A luz vermelha volta a piscar e soa o alarme. Entra Madalena, uma mulher rica de maneiras um tanto vulgares. Madalena pode ser interpretada pela mesma atriz que faz de Bernarda e/ou Marina.

Madalena (seca) – Bom dia, senhor.

Jerónimo – Bom dia, minha senhora. Prefere dar-me já uma estalada ou insultar-me primeiro?

Madalena (surpreendida) – A tentação é grande, com essa cara, mas...

Jerónimo – Não se acanhe. Garanto-lhe que mereço.

Madalena – Não, a sério, eu...

Jerónimo – Então dê-me ao menos um belo pontapé nas canelas! Tenho de justificar o ordenado!

Madalena – Ouça, não estou a perceber nada... Graças aos seus sábios conselhos, tripliquei o meu capital em dois anos.

Estende-lhe a mão e ele recua, pensando que vai receber uma estalada.

Madalena – Chamo-me Madalena.

Jerónimo recompõe-se e aperta-lhe a mão.

Jerónimo – Badalena?

Madalena – Está constipado?

Jerónimo – Não, porquê?

Madalena – Disse «Badalena», com B.

Jerónimo – Deve ser da bochecha. Ainda está um bocado inchada...

Madalena – Enfim, vinha precisamente agradecer-lhe e...

Jerónimo – Agradecer-me?

Madalena – Veja, até lhe trouxe uns rebuçados...

Madalena tira da mala uma caixa de rebuçados e oferece-lha. Jerónimo parece muito surpreendido, até perder a cabeça. Com um gesto brusco, faz voar a caixa e o conteúdo.

Jerónimo – Não quero os seus rebuçados!

Madalena – Desculpe, se soubesse tinha trazido bombons. Gosta de chocolate?

Jerónimo – Está a fazer-me perder tempo! Não percebe?

Madalena – Então umas flores?

Jerónimo – Acha que não tenho mais nada que fazer?

Madalena – Não, claro, mas...

Jerónimo – E já pensou no que está a dizer?

Madalena – Como assim?

Jerónimo – Agora está três vezes mais rica do que antes! E que fez para conseguir isso?

Madalena – Nada...

Jerónimo – E não tem vergonha?

Madalena – Não...

Jerónimo – Venha cá!

Madalena obedece. Jerónimo põe-na de barriga para baixo sobre os joelhos e dá-lhe umas palmadas no rabo.

Jerónimo – Não tem vergonha?

Madalena – Sim, estou a começar a ter...

Jerónimo – E agora ponha-se na rua!

Madalena – Muito bem, senhor Carpinteiro...

Madalena sai, de cabeça baixa. Dominique entra apressadamente, com a cara enegrecida pela explosão de um envelope armadilhado.

Jerónimo – E agora?

Dominique – Lamento imenso o mal-entendido. Evidentemente, foi um erro. Normalmente só marcam consulta as clientes insatisfeitas. E, como vê, ainda nem tinha recuperado do choque...

Entra Claude. Dominique escapa-se.

Jerónimo – Estou muito envergonhado. Pensei que... Talvez me tenha deixado levar um bocadinho...

Claude – Sem dúvida... *(Com evidente excitação.)* Não sabia que por trás desse ar de cão batido se escondia um verdadeiro pitbull...

Jerónimo – Não me vai despedir por justa causa, pois não? A minha mulher faz muita questão de que eu conserve este emprego.

Claude – Despedi-lo? De maneira nenhuma! Aliás, a cliente parecia encantada com a pequena entrevista... Até está a pensar confiar-nos o resto das poupanças.

Jerónimo – A sério?

Claude – Pergunto-me se não deveria alargar as suas competências, Jerónimo.

Jerónimo – As minhas competências...?

Claude – Mas antes, naturalmente, teria de submetê-lo a uma pequena prova, para confirmar que tem mão firme.

Começa a despir-se.

Claude *(descontrolada)* – Eu também ganho dinheiro enquanto durmo, Jerónimo... Mereço um bom castigo...

Carrega no botão vermelho, que começa a piscar, e soa o alarme.

Escuro.

Luz.

Claude volta a vestir-se, enquanto Jerónimo também ajeita a roupa. Dominique entra com um retrato novo, que pendura na parede em lugar do anterior. É um Cristo crucificado. Jerónimo aproxima-se e observa-o.

Jerónimo – Mas aquele sou eu!

Dominique – É o empregado do mês, Jerónimo.

Claude – Está contente?

Dominique – A sua mulher vai ficar orgulhosa, senhor Carpinteiro.

Jerónimo fica desconcertado por um momento.

Claude – Estas eram as boas notícias, Jerónimo...

Jerónimo – Porque há más notícias?

Claude – Acabámos de saber. O nosso banco acaba de ser declarado falido.

Dominique – As viúvas arruinadas amontoam-se à porta da agência.

Claude – Temos de encontrar rapidamente maneira de as acalmar...

Jerónimo – Estou a ver... Espera-me muito trabalho...

Dominique – Receio que desta vez isso não chegue, infelizmente.

Claude – Teremos de causar impacto.

Dominique – Fazer um gesto simbólico.

Claude – Está em jogo a sobrevivência de todo o nosso sistema bancário, Jerónimo.

Jerónimo – Diga-me que isto é um pesadelo...

Claude (*a Dominique*) – Vá buscar o martelo e a foice...

Dominique – Quer dizer o martelo e os pregos.

Claude – Não foi o que eu disse?

Dominique sai.

Claude – Vai precisar de muita coragem, Jerónimo.

A luz vermelha começa a piscar e soa o alarme.

Escuro.

Luz.

Jerónimo dorme, caído na cadeira. O telefone toca e ele acorda em sobressalto. Atende.

Jerónimo – Sim...? Ah, Dominique? Sim, sim, está bem... Não, não, estou bem... Adormeci por um instante e tive um pesadelo...

Levanta-se, ainda atordoado, aproxima-se da mesinha e pega na garrafa térmica.

Jerónimo – Preciso de um bom café...

Desenrosca a tampa da garrafa térmica e prepara-se para se servir de café. Mas do interior parece sair um fumo branco que envolve o palco, banhado por uma luz irreal, enquanto se ouve uma voz em off que pode ser a de Claude.

Claude – Tem direito a pedir um desejo, senhor Carpinteiro...

Jerónimo – Na verdade, o meu apelido é Carpentier...

Claude – Foi lapso meu...

Jerónimo – Mas normalmente são três desejos, não são?

Claude – Estamos em crise, senhor Carpentier.

Jerónimo – Um único desejo... Bem, então... Posso ter um café?

Escuro.

Luz.

Jerónimo dorme, afundado na cadeira. Marina entra no gabinete e encontra-o.

Marina – Jerónimo?

Jerónimo – Marina? O que fazes aqui?

Marina – Pedi à tua assistente que me anunciasse, mas como não respondias...

Jerónimo – Desculpa, devo ter adormecido por um momento...

Marina – Lembras-te de que tínhamos combinado almoçar juntos?

Jerónimo – Sim, sim, claro... Já estou pronto... Vamos?

Marina – Está bem. Tens a certeza de que estás bem?

Jerónimo – Sim, sim, ótimo. O costume...

Marina – Está bem...

Preparam-se para sair.

Jerónimo – Tive um pesadelo incrível... Nem imaginas...

Marina – Ah, sim?

Jerónimo – Vais-te rir, mas sonhei que eras minha mulher.

Marina – Mas, Jerónimo... Eu sou tua mulher...

Jerónimo – Ah... Nesse caso, receio que este pesadelo ainda não tenha acabado de todo...

Saem.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-987-4

Documento para download gratuito